
1935: ILUSÃO, LOUCURA E HISTÓRIA

SERGIO SILVA

Na medida em que a poeira levantada com a queda do muro vai assentando, vale a pena tentar avaliar alguns aspectos dos livros de Marly VIANNA, de Paulo Sérgio PINHEIRO, e de William WAACK, todos os três publicados na primeira metade desta década, sobre um dos acontecimentos políticos mais polêmicos da história recente do Brasil.

Levantes ou intentona? Revoltas ou revolução? Movimento nacionalista e democrático? Popular? Basicamente militar? Ou, simplesmente, comunista? Os nomes escolhidos para identificar 1935 geralmente já indicam a linha mais geral de análise e a opção política, ideológica, do autor, historiador, jornalista, cientista social.

1935 talvez seja um bom exemplo da dificuldade de qualquer analista se mexer em meio aos "fatos" sem adotar, explícita ou implicitamente, uma determinada posição que, no fim das contas, remete ao que chamamos, comumente, de política. E também um ótimo exemplo de que, ao mesmo tempo, os fatos existem, e a história, finalmente, é feita de fatos que "descobrimos" e "alinhamos", assim ou assado.

Os três livros escolhidos para um exame mais detido nesse artigo mereceram, por ocasião de suas publicações, uma certa repercussão na imprensa, como os autores e o tema exigiam. O mais recente, os *Camaradas*, de WAACK, foi bastante divulgado, com destaque especial para a revelação de documentos, até então secretos, da Internacional Comunista.

A bibliografia sobre o tema é relativamente ampla. São numerosos os livros, pelo menos em parte, dedicados a 1935, como o de MORAIS, o de MORAES & VIANA e o de BATINI (editado pela Unicamp, com apresentação de Claudio Batalha, então diretor do Arquivo Edgard Leuenroth). No final do artigo, apresento uma bibliografia, não exaustiva, claro. Para os leitores não especialistas, ela sugere algumas outras leituras. Para todos, ela contém as referências completas das obras aqui citadas.

O VAI E VEM DO OURO DE MOSCOU

O "ouro de Moscou" ainda dá uma boa manchete, mas WAACK preferiu, para o título de um dos seus primeiros capítulos, "Ouro para Moscou", referência aos dólares que Prestes recebeu de Vargas, para comprar armas,

na revolução de 1930, mas achou melhor guardar para uma revolução de verdade e levou para a Rússia. Direta ou indiretamente, esse dinheiro acabou ajudando a financiar o movimento armado contra o próprio Vargas.

Na verdade, nem o ouro que veio, nem o ouro que foi para Moscou constituem novidades. O destino dado aos dólares de Vargas já é comentado, por exemplo, em *Olga*, de Fernando MORAIS. Ele explicaria um certo ódio pessoal de Vargas por Prestes. Sentimento compartilhado pelo seu chefe de polícia.

Felinto Müller teria fugido com uma parte do dinheiro da Coluna Prestes e, por isso, recebeu severa advertência pública, por escrito. Para MORAIS, a atrocidade cometida contra Olga Benário, deve ser relacionada a esse ódio pessoal de Felinto e Getúlio.

Em relação ao ouro de Moscou, especificamente, MORAIS (p.92) é bastante claro:

"Os recursos para manter a máquina partidária em funcionamento não constituíram problema para os comunistas. Além do dinheiro trazido por Olga e Prestes e dos fundos controlados por Vallée, o grupo recebia, através da Argentina, gordas e regulares remessas de dólares (...)"

Desde logo, num pequeno parênteses, destaco o valor de uma das descobertas de WAACK, a descoberta que o teria animado a prosseguir em seu trabalho, apesar dos "burocratas cinzentos" que encontrava no caminho: Vallée, Leon Jules, o responsável pelas finanças e pelas comunicações da Internacional no Brasil, não era nenhum belga, era russo mesmo e seu verdadeiro nome (embora nunca se possa garantir o verdadeiro nome de um comunista) é Stuchevski, Pavel Vladimirovich. WAACK também apresenta uma contabilidade dos gastos da Internacional no Brasil, com base nas prestações de contas do comunista russo (pp. 208-212).

E aumento o parênteses, para destacar também o valor do índice remissivo, no final do livro, sem o qual nos perderíamos em meio a tantos personagens, com tantos nomes e codinomes. Aliás, para a felicidade do leitor, Marly VIANNA tem o mesmo cuidado, o que se reveste de particular importância dada a sua vastíssima pesquisa. Paulo Sergio PINHEIRO, por sua vez, nos oferece, à guisa de notas ao seu formidável trabalho de ensaio e pesquisa historiográfica, instigantes comentários bibliográficos (de leitura um pouco difícil, entretanto).

O ouro de Moscou, de que sempre falam os jornais, desde a época dos levantes, já está na historiografia do período há um certo tempo. Ele abre, por exemplo, o item 5 - "As insurreições de 1935" - do livro de John W.F. DULLES (1977: 424), publicado, originalmente, em 1973:

"Moscou decidiu subvencionar o 'ensaio' proposto pelo Comintern de analisar o grau de fertilidade do solo sul-americano para uma insurreição. Para tal, enviou 100.000 dólares, via Nova York, ao Youamtorg, a companhia comercial da União Soviética em Montevidéu."

Colada à questão do ouro está a do comando da revolução brasileira. Uma informação de RAVINES ocupa, geralmente, o centro das discussões. Ela foi retomada no estudo de DULLES (pp. 418-419):

"Nas conferências do Congresso Latino-Americano em Moscou, Prestes e a delegação brasileira, assim como a argentina, propiciaram a Manuilski [até ali, dirigente máximo da Internacional] uma vitória fugaz sobre Dimitrov [o novo chefe maior], que lutava pela extensão global das frentes populares, enquanto Manuilski defendia a insurreição em determinados países. Ficou decidido que Ravines, o comunista peruano, iria ao Chile, onde se daria atenção especial à propagação de uma frente popular; simultaneamente, seria acelerada a marcha para um levante armado no Brasil, que teria à frente Luís Carlos Prestes. Arthur Ernst Ewert, o alemão que fora buscar Prestes em Montevidéu, o argentino Rodolfo Ghioldi e alguns outros estrangeiros ligados ao Comintern seguiriam para o Brasil a fim de auxiliar Miranda [o secretário geral do PCB] e Prestes na organização revolucionária."

Como diz PINHEIRO, o livro de RAVINES tem muito de "comunista arrependido" e deve ser utilizado com o devido cuidado. Mas a eventual inexistência dessa decisão (formal) não elimina os fatos bem reais sobre a efetiva participação da Internacional ou, simplesmente, de Moscou nos acontecimentos de 1935.

A SUBSERVIÊNCIA E A EXPECTATIVA CONIVENTE

Os fatos que atestam o envolvimento da Internacional estão presentes, como não poderia deixar de ser, no *Revolucionários de 1935*, o livro de Marly VIANNA: o envio de dinheiro, de especialistas, como o norte-

americano Baron, o alemão de Graaf, de dirigentes comunistas internacionais do peso de Ewert. Entretanto, ela prefere concluir:

"A difundida tese do papel do Comintern como *instigador e condutor* dos movimentos de 1935 não encontra qualquer apoio nos fatos documentados, e o 'dedo de Moscou' não pôde ser comprovado nos levantes (...). A Internacional "se não era indiferente (...) manteve-se numa *expectativa conivente* (...) Além do mais, desde a morte de Lenin, em 1924, e com plena vigência a partir de 1927, o objetivo do Comintern deixara de ser a revolução (...)" (p. 304, os grifos são do original).

Os argumentos dessa conclusão se apoiam numa análise da evolução do movimento comunista em direção ao privilegiamento da defesa da URSS (a construção do socialismo em um só país) e em detrimento das revoluções em outros países. Esse raciocínio aparece no final da citação anterior, mas é desenvolvido sobretudo no primeiro capítulo do livro.

Se bem que verdadeira, essa análise me parece muito geral para ser aplicada a ações precisas, resultados também de outras determinações, que podem atuar no sentido contrário ao dessa tendência geral. Além disso, acho necessário considerar (1) que essa tendência talvez ainda não estivesse inteiramente estabelecida em 1935 e (2) que a prioridade à construção do socialismo na URSS não descarta (concretamente, não descartou) o apoio a revoluções em outros países.

Como parte dessa linha de análise, a autora desenvolve uma série de argumentos mais particulares, baseados em encadeamentos lógicos montados a partir das decisões políticas gerais da Internacional. Entretanto, a complexidade das relações entre programas, decisões gerais, e a prática parece uma das marcas registradas da política em geral, inclusive da política comunista. Uso, como exemplo, os comentários de Marly VIANNA sobre o caso chinês.

"No 'caso chinês', fica patente a política de Stalin (aceita integralmente pela IC) de não só não fomentar a guerra civil como de *evitá-la a qualquer custo*, mesmo sendo este custo o esmagamento dos comunistas (...) A Internacional, que jamais demonstrou acreditar em possibilidades revolucionárias nos 'países coloniais e semicoloniais', apostava tudo nos grupos que considerava a 'burguesia anti imperialista'. Além disso, mesmos nos momentos em que sua política foi mais sectária, sempre procurou evitar

qualquer problema diplomático para a URSS." (VIANNA: 41, os grifos são do original)

Deixo de lado a idéia de que a Internacional jamais acreditou na revolução nos países coloniais e semi-coloniais. Interessa-me aqui que isso aconteceu em 1927, porque isso significa que, em plena época da política de "classe contra classe", a Internacional apostava na burguesia anti-imperialista chinesa, Chiang Kai-shek à frente, e queria evitar a guerra civil a qualquer custo.

Isso poderia ser visto simplesmente como uma prova da distância entre linha e prática políticas, mas a autora prefere uma interpretação diferente: se no tempo da linha dura, sectária, a Internacional apoiava uma frente sob o comando de uma fração da burguesia, ela não poderia apoiar uma revolução comunista num outro país "semi-colonial", no final de 1935, quando já tinha mudado de política.

Acontece que o exemplo chinês é mais complicado, porque, no mesmo ano de 1927,

"(...) quando o líder nacionalista chinês expulsou os comunistas do Kuomitang e cortou qualquer possibilidade de aliança, Stalin mudou de posição; enviou como assessores ao PCCh conhecidos putchistas - Lominadze, secretário do Komsomol russo, e Heinz Neuman (com posições radicalmente diferentes das dos enviados ao Brasil em 1935) -, o que contribuiu para que no final do ano os comunistas chineses encabeçassem um inútil e sangrento levante em Cantão." (VIANNA: 42)

Aqui, é possível avaliar tanto a possibilidade de mudanças de 180 graus nas políticas concretamente adotadas, dentro de uma mesma linha política geral, quanto a influência decisiva da Internacional, particularmente dos assessores por ela escolhidos. O que também se choca com outra idéia de Marly VIANNA: Ewert e Ghioldi (chefe do comitê latino-americano da Internacional) "atuavam como assessores políticos, dando orientações teóricas gerais" (p.140).

Como se sabe - está em WAACK, mas já estava em MORAIS, em PINHEIRO, na própria Marly VIANNA e na boca de Prestes, em MORAES & VIANNA -, Ewert e Ghioldi compunham, juntamente com Prestes e Miranda, a direção revolucionária maior dos comunistas. Direção responsável pela decisão que desencadeou os levantes militares no Rio de Janeiro, em

apoio aos levantes já ocorridos (sem que essa direção fosse consultada) em Natal e no Recife. É difícil imaginar como Prestes, naquela situação, encontraria tempo para reuniões de orientação teórica geral.

A dificuldade em aceitar a tese da expectativa conivente não significa facilidade em adotar aquela que vê o Comintern como condutor do movimento de 1935. Se a participação da Internacional parece certa, certa também parece a impossibilidade de explicar o que aconteceu no Brasil simplesmente, ou mesmo principalmente, a partir de Moscou.

WAACK não tem dúvidas sobre a obediência do PCB a Moscou:

"O partido jamais se libertou de sua subserviência ao PC soviético, o qual, até o seu desaparecimento em 1991, manteve sob estrito controle a direção política do PCB, o modo como eram escolhidas as suas lideranças e seus processos de formação ideológica" (p. 30). Note-se que, aqui, há uma referência ao livro de CHILCOTE, embora ele encerre o seu estudo em 1972.

"O PCB sempre fora, como muitos outros partidos comunistas, extremamente dócil em relação a Moscou. Por mais nobre e bem-intencionado que tenha sido, nos últimos cinquenta anos, o esforço de muitos historiadores em procurar sinais de vida inteligente nos escalões superiores do partido, as diretrizes, instruções ou 'sugestões' de Moscou foram sempre a última palavra." (p.185)

Essa avaliação sobre o PCB, em particular na medida em que se estende por toda a sua existência posterior a 1935, afeta também a Prestes, é claro. WAACK é também muito crítico em relação a Prestes (como veremos adiante), mas a sua análise em relação aos acontecimentos de 1935 dão um colorido muito diferente à atuação do Cavaleiro da Esperança.

TODO O PODER A PRESTES

O grande nome da Internacional no Brasil era o próprio Prestes. Pode ser que isso seja considerado como uma simples formalidade, mas Prestes acabara de entrar não somente para o Partido Comunista do Brasil; ele havia entrado também para a direção da Internacional; e agora o seu nome estava ao lado de líderes como Dimitrov, Chou En-lai, Mao Tse-tung, Marcel Cachin,

Jacques Duclos, Maurice Thorez, Walter Ulbricht, Manuilski, Dolores Ibarruri, Togliatti, Bela Kuhn e Josef Stalin, entre outros (MORAIS: 89, PINHEIRO: 287).

Não é pouca coisa e merece ser examinado dos dois lados. De um lado, esse fato - um fato público - torna praticamente irrecusável a tese do envolvimento da Internacional. Por outro lado, ele reúne num só homem a condução "nacional" e "internacional" do movimento de 1935. Quem foi o dirigente máximo? Prestes, o líder nacional, ou Prestes, o líder da Internacional Comunista? Ou será que não foi o Prestes?

Nos depoimentos recolhidos por MORAIS & VIANNA, em Fernando MORAIS e em Marly VIANNA, sobram poucas dúvidas sobre o comando de Prestes. Já no seu "Prelúdio", Marly VIANNA informa que Prestes, "apesar das suas reiteradas afirmações de submissão a Miranda, ampliava as suas ligações pessoais, inclusive com destacados membros do Partido, dando-lhes orientação própria" (p. 141).

Com a sua documentação, WAACK indica que o famoso e, para muitos, surpreendente discurso de Prestes com a palavra de ordem "todo o poder à ANL" não teria saído unicamente da sua cabeça. Na verdade, essa era a orientação da Internacional Comunista, desde início de abril. Orientação repetida várias vezes, até que Ewert se dignasse a acusar o seu recebimento e assegurar a sua compreensão (pp. 121-123).

Mas a própria leitura do livro de WAACK chama a atenção para o fato de que, dentro do universo das lutas da Internacional, essa palavra de ordem radical (uma conclamação à derrubada de Vargas) situa-se em oposição ao radicalismo da palavra de ordem do PCB, "todo poder aos soviets". Isto é, uma palavra de ordem na linha da "frente popular" em oposição à linha "classe contra classe" e de revolução "sob a hegemonia do proletariado" (que, alguns meses depois, seria formalmente abandonada).

Além do mais, é preciso lembrar que o apoio à Aliança Nacional Libertadora, sem que o PCB estivesse em condições de assumir o seu papel dirigente, envolve toda a divergência sobre a aceitação da liderança de Prestes, que, segundo muitos comunistas brasileiros (em particular Miranda, mas também alguns amigos de Prestes), conduziram à predominância da pequena burguesia (em particular, do prestismo) no movimento popular.

Assim, "todo o poder à ANL" significou concretamente também "todo o poder a Prestes", que, aliás, deveria chefiar o governo, após a vitória do

movimento revolucionário, segundo pode ser lido nos documentos revelados por WAACK ou deduzido por qualquer um, tendo em vista tudo o que se conhece sobre a participação de Prestes nesse movimento.

Não há razão para não se acreditar, como WAACK, que os planos revolucionários de Prestes já haviam sido discutidos e aprovados, com antecedência, em Moscou. Embora, se possa dizer a mesma coisa de outra forma: Prestes havia convencido a Internacional a apoiá-lo. Aliás, o charme político de Prestes parece realmente irresistível, dentro e fora do Brasil.

Entre os que sucumbiram inteiramente a esse charme estaria o próprio Arthur Ewert. Amor à primeira vista, desde os primeiros encontros em Montevideú. Graças ao seu domínio do vocabulário da Internacional, Ewert se encarrega de dar uma versão politicamente correta às idéias e decisões prestistas, que transformam uma revolução chinesa em quartelada brasileira.

Para WAACK, as medidas adotadas pela direção do PCB, em maio de 1935, por proposta de Prestes e Ewert, representaram "na prática considerável alteração dos planos inicialmente traçados em Moscou" (p. 125). E, daí por diante, WAACK nos apresenta um quadro em que, em meio a mensagens e telegramas mil, a direção da Internacional "perde o pé" (p. 196).

Ele é claro: apesar "de uma situação tão precária como a do PCB", Prestes e Ewert se decidiram "por uma insurreição em todo o país, assumindo no início até o risco de contrariar determinações acertadas em Moscou" (p. 194). Em resumo, a sua análise reforça a tese do comando de Prestes, que não é meramente formal mas a concretização das suas idéias sobre "o que fazer".

Note-se que, apesar de não concordar com a versão "romanceada" e de "forte apelo popular" segundo a qual Prestes teria sido o único a defender claramente os levantes no Rio de Janeiro, WAACK diminui a importância da reunião do dia 25, considerando que ela só fez antecipar decisões já tomadas; o que nos remete, outra vez, às propostas de maio, de Prestes e Ewert, "alterando" os planos iniciais de Moscou.

Outro parêntese, para outro destaque nas descobertas de WAACK: as informações por ele apresentadas sobre essa reunião foram buscadas no relato de um quinto participante, até então ignorado: Amleto Locatelli, outro assessor da Internacional, que chegara atrasado para continuar sua viagem até o Nordeste (já conflagrado) e estava na casa de Ghioldi nesse 25 de novembro.

Nessa reunião, dirigida por Ewert (segundo WAACK), mas onde Prestes teria pontificado na defesa dos levantes imediatos no Rio (segundo MORAIS, MORAES & VIANA e VIANNA), mais uma vez, esses mesmos dois, evidentemente considerando a gravidade e urgência da conjuntura, arriscaram uma decisão fundamental, antes de ouvir Moscou. O *nihil obstat* veio no linguajar da casa e chegou atrasado.

WAACK (p. 203) transcreve o texto do telegrama (original assinado por Togliatti, Manuilski, Van Min, Gottwald, Florin, Kuusinen, Marty e Pieck), transmitido na manhã do dia 27 de novembro, quando, observa o autor, dada a diferença de horário entre Moscou e o Rio, a insurreição já estava praticamente derrotada:

"Questão da ação (o levante) geral decidam vocês mesmos quando acharem necessário. Assegurem o apoio à ação do Exército pelo movimento operário. Tomem todas as medidas contra a prisão de Prestes. Enviamos 25 mil por telégrafo. Mantenham-nos informados do rumo dos acontecimentos."

AFINAL, O QUE FIZERAM EM 1935?

De qualquer forma, tal como existiu, 1935 parece inegavelmente marcado, antes de tudo, pela liderança, pelas decisões e pelos *planos* de Prestes. Afinal, não foi ele que "optou por uma quartelada em escala nacional, confiante que seu nome incendiaria o espírito nacionalista e revolucionário dos militares" e receberia o apoio popular? (WAACK: 188-189).

Foi feito o que Prestes queria e sabia fazer. E foi isso que a Internacional acabou apoiando. Sem entender direito? Confundida pelos relatórios de Ewert? Talvez, mas apoiou.

Mas apoiou o quê? Uma etapa de uma revolução socialista? Uma revolta militar latino-americana? Marly VIANNA não quer nem ouvir falar do apoio de Moscou, mas é convincente quanto à caracterização das raízes tenentistas dos levantes de 1935. O trecho abaixo, embora relativo especificamente à ANL, parece-me resumir bem as suas idéias sobre esse ponto.

"Apesar de vários grupos terem participado da formação da frente, foram os tenentes dissidentes da Revolução de 1930 os que tiveram maior destaque na organização da ANL, o que deu à organização uma projeção política e uma articulação nacional derivadas de suas experiências de lutas. Ao pequeno grupo remanescente de 1922, 1924 e 1930, que continuava levantando a bandeira do ideal revolucionário, iriam juntar-se novos tenentes de uma geração que se formara na admiração por Luiz Carlos Prestes e seus camaradas. Esse contingente militar - que não estava ligado ao Partido Comunista e que pouco ou nada ouvira falar dele na época - articulou-se depois ao Partido, dentro da ANL, através da figura de Prestes, que, apesar de já pertencer ao PC, era visto muito mais como um líder tenentista do que como militante comunista." (p. 110)

MORAIS já tinha seguido uma linha semelhante. Ele lembra que, no manifesto de 5 de julho, Prestes havia caracterizado a ANL como herdeira dos tenentes de 1922 (p. 86) e conta que Ghioldi se preocupava com o peso cada vez maior dos militares na Aliança. "Temos que fazer honra aos militares, que é gente de muita consciência, dizia ele, mas se o proletariado não tiver um papel preponderante..."

Certa feita, Ghioldi tivera que cuidar para que não dessem a palavra a um certo aliancista, orador fogoso, que terminava seus discursos nos atos públicos dando "vivas à pequena burguesia". (MORAIS: 84)

Diante de tudo isso, são tentadoras as conclusões de Paulo Sergio PINHEIRO, que desenvolve teses de LÖWY e procura fazer as pontes entre nacional e internacional, tenentismo e comunismo:

"O que aproxima Prestes e os comunistas a partir de 1927 é a mesma concepção que se tem do Estado como uma fortaleza que pode ser conquistada com a técnica da insurreição armada (não necessariamente popular)" (p. 217)

"(...) 1935 usa os mesmos instrumentos de 1922, 1924, pretendendo ser 1917" (idem)

"Ela [a revolução de 1935] é um lídimo resultado da conjunção do tenentismo de "esquerda" e do conceito de "terceiro período", que privilegiava as possibilidades de insurreição" (p. 241)

Quem sabe não estaria aí, já em 1935, mais uma prova do inexorável processo de globalização que nos envolve. Deixo esta questão para analistas mais capacitados e fico com uma preocupação que vai num sentido quase

oposto: como foi (e é) possível reunir num único conceito, em torno de idéias e até mesmo de organizações comuns, movimentos tão diferentes quanto os de Prestes, no Brasil, Mao Tse-tung, na China, Fidel, em Cuba?

UTOPIA OU ILUSÃO: O ESPÍRITO DO COMUNISMO

Seja qual for a resposta encontrada para o "comunismo real", provavelmente ela deverá levar em consideração os comunistas reais e, como diz PINHEIRO, o espírito revolucionário internacionalista da época. Afinal, essa era a razão da existência da Internacional. E esse espírito, mesmo se inteiramente transformado pela prática stalinista, sobretudo no nível da direção internacional, com sede em Moscou, não terminou tão rapidamente após a morte de Lenin.

Tito BATINI é um bom exemplo. Em seu livro, ele conta que, logo após o seu ingresso no PCB, foi enviado para trabalhar no Birô Latino-Americano da Internacional, no Uruguai (onde, aliás, conheceu Ewert, alias, Harry Berger). Ali, uma de suas tarefas principais (ao lado de cuidar dos arquivos da Coluna e selecionar jornais do continente, para posterior envio a Prestes) era redigir manifestos conclamando jovens bolivianos e paraguaios envolvidos na Guerra do Chaco a se confraternizarem. Quando a guerra terminou, ainda segundo BATINI, muitos jovens se reuniram nas famosas *montoneras*, na esperança de poderem desencadear uma guerra internacional contra o imperialismo.

Em epígrafe, BATINI cita Anatole France: desgraçado do partido que não possuía utopistas.

Era esse o espírito que fazia da participação em movimentos políticos de outros países não parecer um ato de traição a um Estado qualquer, mas de construção de um mundo novo, de destruição da exploração capitalista, de destruição da dominação imperialista. Pode ser que Manuilski ou Stalin não acreditassem nem um pouquinho em nada disso, mas, se ninguém acreditasse nisso, Manuilski e Stalin talvez nem existissem. De qualquer forma, a existência dessas idéias não pode ser deixada de lado, sob o risco de perdermos muito da nossa capacidade de explicação sobre o que realmente ocorreu.

Desse ponto de vista, é possível questionar, ao mesmo tempo, William WAACK, Marly VIANNA e, talvez, o próprio Paulo Sergio PINHEIRO, embora este último seja realmente o que me parece mais considerar as idéias e os ideais que compõem o período, como um elemento indispensável à sua construção histórica.

Tudo depende de como se interpreta a idéia geral que dá título ao seu livro: estratégias da ilusão. A ilusão pode ser vista como um componente de toda história e, particularmente, de todo movimento político. A ilusão pode ser vista como um componente especial do nosso mundo, um dos eixos principais de sustentação da modernidade. Nessa linha, é possível examinar o comunismo como um ponto característico, ou mesmo limite, desse mundo moderno.

Isso é, entretanto, diferente de analisar o movimento comunista internacional e, especialmente, o brasileiro a partir de um simples distanciamento da realidade, como pode-se pensar pela leitura do trecho abaixo:

"Malsucedidos assaltos ao poder, os diversos levantes não revolucionários são interpretados pelos comunistas como etapas de uma revolução em curso (...) Essa avaliação equivocada talvez ajude a explicar o engajamento de alguns dirigentes da IC com a revolta militar de 1935, engajamento esse baseado em falsas expectativas, alimentadas por sua vez por informações dos próprios comunistas brasileiros (e mais tarde, muito provavelmente, por informações de Luís Carlos Prestes), os quais por sua vez reproduziam os mesmos esquemas interpretativos difundidos a partir do II Congresso da IC. O centro do movimento comunista mundial se entusiasmava com uma versão de segunda mão de suas próprias concepções" (PINHEIRO: 330).

UM MOVIMENTO ANTIDEMOCRÁTICO OU DEMOCRÁTICO?

É preciso também considerar os planos feitos em 1935 à luz do que se passava nas cabeças que fizeram esses planos. Talvez eles tivessem idéias diferentes das nossas sobre o que deveria ser o caminho da revolução e do estabelecimento de uma sociedade mais justa. Os dois números do jornal do



Primeira Assembléia da Aliança Nacional Libertadora, São Paulo, 1935, março. Reproduzida do Arquivo Nacional.



Da esquerda para a direita, sentados: Rodolfo Ghioldi, Agliberto Vieira de Azevedo e Agildo Barata durante julgamento da apelação de setença do Tribunal de Segurança Nacional pelo Supremo Tribunal Militar (provavelmente 1937). Fundo Voz da Unidade do AEL (foto VU/PCB 1873).



Insurreição de 1935 no Rio Grande do Norte. Governo revolucionário (da esquerda para a direita): Lauro Lago, João B. Galvão e José Macedo (três figuras centrais, sem janela). Banco de Imagens AEL.

partido publicados após os levantes indicam avaliações diferentes do que aconteceu e outras perspectivas para o futuro imediato.

"Tudo indica que se o movimento durasse mais 48 horas, o apoio do povo e do proletariado teria tempo de se desencadear. Também em outras partes do país outros elementos se pronunciarão e a luta estaria travada para o caminho da vitória, pelo menos uma vitória parcial" (A Classe Operária, apud VIANNA: 277).

"Vencidos, recomeçamos a luta com mais ardor (...) temos que vencer e venceremos (...) A luta não terminou, os combates vão se multiplicar em todo o país, o governo de Getúlio não terá mais tranqüilidade, o povo não cessará mais de lutar (...)" (Idem, p.281).

Pode-se argüir que essa é uma avaliação do momento, mas ela é representativa das idéias de que falávamos, de uma concepção de vida revolucionária, de vida inteiramente consagrada à luta por um mundo melhor, que virá, não a despeito mas exatamente em consequência de muitas e muitas lutas derrotadas. E que certamente virá porque a luta continua e o povo unido jamais será vencido.

Algumas décadas depois, Prestes faz uma avaliação nessa linha:

"O movimento fracassou, mas foi honesto. Como diz Lênin: 'Todo movimento honesto produz frutos'. Foi o movimento de 35 que permitiu desmascarar o verdadeiro caráter do integralismo. Primeiro, porque os presos de 35 tiveram um comportamento muito digno e combativo na prisão. Em segundo lugar, porque os integralistas eram os dedos-duros, eram os que entregavam os comunistas à polícia de Getúlio. De maneira que Getúlio utilizou os integralistas até o golpe do Estado Novo (...) Foi graças a 35 que o Governo de Getúlio não chegou a ser um estado propriamente fascista." (MORAES & VIANA: 72)

Hoje - e, provavelmente, já na época em que o livro de MORAES & VIANA foi escrito - essa avaliação pode parecer absurda para muita gente. A idéia de movimento honesto é um pouco engraçada. Entretanto, pelo menos até o imediato pós-guerra, não era bem assim. Tanto que, no fim do Estado Novo, muita gente queria o apoio dos revoltosos de 35, em particular do seu líder máximo, para a União Democrática Nacional.

"Foi um encontro muito constrangedor - lembra Prestes. Lá estavam Gomes e Juarez Távora, numa situação bastante difícil. Eles tinham apoiado o Estado Novo e tiveram promoções durante todo o período. O brigadeiro agora estava contra o Getúlio. Eu tinha sido perseguido o período inteiro. (...) Mas, apesar de tudo isso, eu estava numa posição completamente diferente da deles, que, de uma hora para a outra, tinham virado democratas e só pensavam em golpe. Eu disse a Eduardo Gomes: minha posição é pela Constituinte. É claro que o partido apoiou Getúlio, mas nunca fizemos acordo com ele. Éramos aliados tácitos." (Idem, p. 103)

"De Cordeiro de Farias a José Américo, todos só viraram democratas por influência dos Estados Unidos, depois que o Brasil enviou tropas para a Europa. Aliás, José Américo entrou para a história com aquela entrevista contra o Estado Novo, que nada mais foi do que um pretexto para que os reacionários da UDN dessem o golpe." (Idem: 104)

É difícil negar que Prestes tenha as suas razões. Mais difícil ainda traçar, 50 ou 60 anos depois, segundo critérios inteiramente próprios, a verdadeira linha demarcatória entre democratas e não democratas, ou "a linha demarcatória entre o delírio irresponsável e a realidade" (WAACK: 137)

No que se refere à democracia, a linha demarcatória revela-se particularmente difícil em razão da pouca importância que lhe atribuem, de um modo geral e constante, a grande maioria dos políticos e das elites brasileiras em geral. Como lembra Marly VIANNA:

"Passados os anos, os crimes cometidos por Getúlio Vargas, Filinto Müller, Malvino Reis e tantos outros não mereceram sequer a condenação da memória popular, mas frutificaram em promoções e homenagens, em votos ao Senado e à Presidência da República." (p. 268)

E o jornal O Globo - democraticamente - estampou essa manchete de oito colunas, na primeira página, sobre a prisão de Arthur Ewert, torturado até a loucura: Filho de Israel e Agente de Moscou.

SEM PÉ NEM CABEÇA OU A ESSÊNCIA DO GETULISMO

Ao longo dos capítulos consagrados diretamente à análise dos diversos levantes e, em particular, dos levantes na Cidade Maravilhosa ("Cheia de balas mil!"), Marly VIANNA apresenta, provas do caráter, no mínimo, irresponsável das decisões e ações revolucionárias.

"No Rio de Janeiro, como se vê pela organização das brigadas, o Partido contava com 140 pessoas para "levantar" a cidade. Transferia-se para a área civil o mesmo esquema golpista do levante militar - um pequeno grupo ficava encarregado de "levantar de surpresa" a Central do Brasil, a Light, o Arsenal de Marinha... O plano não tinha pé nem cabeça." (VIANNA: 250)

Sobre isso, WAACK concorda plenamente com Marly VIANNA e inclui o Foreign Office na sua crítica:

"Justiça seja feita, não era apenas Prestes e Moscou que atribuíam ininterrupta fragilidade a Getúlio, que justamente naqueles dias consolidava base e apoio e instrumentos políticos com os quais se manteria por mais dez anos no poder. Em Londres, os especialistas de Sua Majestade para a América Latina receberam com grande cautela as notícias sobre a vitória do governo". (p. 242)

E logo adiante, conclui:

"No fundo, os britânicos davam toda a razão ao plano de Prestes: 'Se a revolta militar tivesse êxito, levantes civis teriam acontecido em todo o país' [carta do embaixador britânico no Rio]. Nem Prestes nem o Foreign Office haviam captado a essência do fenômeno getulista." (p.243)

Famosos pelo seu pragmatismo, os diplomatas da rainha talvez sejam incapazes de captar qualquer essência. Além disso, não deveriam ver com bons olhos as simpatias do grande estadista brasileiro pelo nazismo.

Essas conclusões de Marly VIANNA são bem claras, na linha do distanciamento da realidade:

"Os revolucionários de 1935 cometeram tais erros, iludiram-se tanto, que ao estudar suas ações tem-se a impressão, às vezes, de penetrar num mundo demencial. Eram todos frutos da sociedade brasileira e suas ações seguiram a lógica das tradições políticas, sociais e militares do país, com a bravura e todas as deficiências de sua gente". (301)

Evidentemente, é possível pensar que a demência é uma característica marcante dos movimentos políticos brasileiros. Eu tenho certeza de que poderia alinhar uma série de fatos nesse sentido, particularmente em relação ao Brasil de hoje. O General De Gaulle disse, certa vez, que esse não é um país sério. Mas o fato é que a Marly VIANNA nos leva do terreno das estratégias da ilusão para o campo das táticas irresponsáveis.

Tudo muito bem documentado. A admiração e o respeito pelos revolucionários de 1935, inegáveis, se manifestam, antes de tudo, pelo seu magnífico trabalho de pesquisa. A impressionante documentação primária que ela conseguiu vasculhar, a quantidade de cartas examinadas. A lista das suas "Fontes Primárias Escritas" vai da página 358 à 391 e, em apenas três linhas, incluem os 549 processos-crimes (879 volumes) do Tribunal de Segurança Nacional. O Arquivo Edgard Leuenroth está lá, entre os seus oito "Locais de Pesquisa" (p. 392). Tudo isso faz do livro de Marly VIANNA uma contribuição inestimável à história desse período.

CONVICÇÕES SÓLIDAS E PSIQUES ABALADAS

Apesar de conclusões opostas quanto ao envolvimento de Moscou, WAACK vai ainda mais longe no destaque às loucuras: ao ler o seu livro tem-se a impressão de estar mesmo em um mundo demencial.

O quadro geral se conclui no penúltimo capítulo ("A inquisição"), onde ele revela o trágico destino reservado àqueles que conseguiram chegar a Moscou ou, sem sair de lá, se envolveram no movimento e em outras (talvez ainda mais perigosas) intrigas da corte. Neste final, destaca-se o paralelo com o nazismo: enquanto Vargas enviava Olga e Sabo para a morte, nos campos de concentração da Alemanha, Stalin mandava matar milhões de pessoas, entre as quais vários quadros da Internacional que, de uma forma ou de outra, haviam "traído" o comunismo.

Esse mundo é construído desde o começo do livro. Desde logo, ressalvo que o termo "construção" não pretende, de forma alguma, insinuar uma construção baseada unicamente na imaginação. É claro que, sem imaginação, não é possível escrever qualquer história, mas a história de WAACK está apoiada na documentação que ele conseguiu descobrir em Moscou.

"Alguns dos documentos mais importantes para a história desse período (...) foram liberados pela primeira vez para este livro", e o livro está baseado sobretudo "em documentos de acesso restrito ou proibido, facilitado por pessoa e em local que ainda não podem ser revelados" (p. 10). O segredo mantido sobre determinadas fontes é compreensível e sou obrigado, até prova em contrário, a considerá-las como verdadeiras.

Ele desencavou longos e numerosos relatos feitos pelos que conseguiram retornar a Moscou e municiaram as investigações sobre o que, finalmente, havia determinado o fracasso no Brasil. Os depoimentos de Martins, de Johann de Graaf (que não seria agente duplo, coisa nenhuma), de Locatelli (acusado de homossexualismo e salvo, pelo menos em Moscou, por Togliatti), de Sofia e Pavel Stuchevski (que não teriam escapado da NKVD). Esses e outros documentos contribuem muito para a história de 1935 e, em particular, para a construção do seu mundo demencial.

No terceiro capítulo ("A decisão"), ele nos apresenta retratos realmente assustadores de vários dos principais dirigentes da Internacional, com destaque para Guralski e Manuilski, diretamente envolvidos no movimento de 1935. Os dirigentes brasileiros não têm melhor sorte. Prestes já havia sido devidamente qualificado no capítulo anterior ("Ouro para Moscou").

Depois de uma infância e juventude realmente preocupantes, ele se transforma num adulto com evidentes problemas de relacionamento pessoal (pp. 26-28) e, finalmente, no líder político sectário e incompetente que Góes Monteiro, "profeticamente", denunciou em dezembro de 1930 (p.29). Nas palavras de WAACK, Prestes era "dono de convicções sólidas e inabaláveis a ponto de se transformarem em auto-sugestão", e a "previsão totalmente equivocada" foi a sua "marca registrada" como político (idem).

Os outros dirigentes comunistas brasileiros não são menores catástrofes pessoais. Com base em informações diversas e, especialmente, nas pequenas autobiografias escritas na chegada a Moscou, WAACK nos revela personalidades altamente problemáticas, como a de Fernando de Lacerda (secretário geral de 1932 a 1934): "de psique e saúde consideravelmente abaladas", "quase nada do que fazia dava certo" e "por duas vezes sua prisão resultou de trapalhadas tragicômicas" (p. 63). De tal modo que pouco refresca a denúncia da falsificação do documento médico que diagnosticou a sua "arteriosclerose cerebral de origem sífilítica" e o afastou da direção do PCB (p. 64).

Depois de informações nada abonadoras (pp. 65-66) sobre o Bangu (Lauro Reginaldo da Rocha), o Miranda (Antônio Maciel Bonfim, que tem direito a várias outras páginas, adiante) e o Tampinha (Adelino Deícola dos Santos) - que recusava missões importantes, "pois sofria de ataques nervosos de medo" -, WAACK nos apresenta Honório de Freitas Guimarães, aliás Martins ou Lima, cuja autobiografia deixada em Moscou (30 páginas!) é comovedora.

"Sendo o mais jovem, mas excessivamente tímido e sensível, eu não era o preferido de ninguém. Minha irmã e meu irmão sempre repartiam entre si a melhor parte, e como minha mãe só se preocupava em acumular capital, os melhores presentes que recebemos eram sempre um só para os dois irmãos. E era sempre meu irmão, mais forte de personalidade e fisicamente, que os tomava." (p. 66)

Assim, passa-se das aparentes loucuras para verdadeiras patologias. Se já me parecia questionável insistir na falta de realismo dos revolucionários de 1935, sem considerar as idéias que eles tinham sobre o próprio processo revolucionário, mais criticável ainda me parece uma análise que relaciona tudo isso a personalidades desequilibradas.

Certamente, é necessário considerar em toda história os elementos de irracionalidade que lhe são próprios. Entretanto, se a loucura ocupa o lugar central, o leitor tem o direito de esperar que o historiador lhe ajude a entendê-la, para que a própria história se torne compreensível.

Quando se trata de revolucionários do passado, a simples exposição de suas loucuras, como explicação evidente por si mesma, tem um ar de exorcismo. Funciona se o leitor reage corretamente, já condicionado para aceitar, por exemplo, que Getúlio era um homem muito mais equilibrado do que Prestes.

Entretanto, mesmo o alopata mais convicto sempre estabelece uma relação entre a patologia e o organismo no qual ela se desenvolve. No caso da história política, a situação ainda é mais complicada, a doença pode ser a característica orgânica central. O poder instituído é patológico, ensina Millôr Fernandes.

ENFIM

São livros muito bons, que certamente já ocuparam o seu lugar na historiografia. Para não falar de Tito Batini (memórias de um militante), de Fernando Moraes (best-seller consagrado), da formidável entrevista com Prestes, de Denis Moraes e Francisco Vianna, e outros que comentei ainda mais rapidamente, Paulo Sergio Pinheiro é talvez aquele com o qual eu mais concordo. E também, agradável de ler.

Também gostei muito de Marly Vianna e de William Waack, porque eles dão a palavra aos que fizeram a história; mesmo que seja para atacá-los quase o tempo todo, como faz Waack. Isso não é importante, porque, ao mesmo tempo em que li a história que eles escreveram, pude mais facilmente imaginar outras histórias. Como nos livros realmente bons.

BIBLIOGRAFIA

BARATA, Agildo (1978). *Vida de um revolucionário: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega (2ª ed.).

BATINI, Tito (1991). *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: Unicamp (apresentação de Claudio Batalha).

BRANDÃO, Octavio (1978). *Combates e batalhas*. São Paulo: Alfa-Omega.

CARONE, Edgar (1970). *A Segunda República: 1930-1937*. São Paulo: Difel.

CARONE, Edgar (1982). *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: Difel.

CARONE, Edgar (1986). *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos.

CAVALCANTI, Paulo (1978). *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega.

CHILCOTE, Ronald H. (1982). *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal.

- DULLES, John W. Foster (1977). *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (2ª ed.).
- LEVINE, Robert M. (1980). *O regime de Vargas: 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LIMA, Heitor Ferreira (1982). *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense.
- LONER, Beatriz Ana (1985). *O PCB e a linha do Manifesto de Agosto: um estudo*. Campinas: Unicamp (Mestrado do IFCH).
- LÖWY, Michael (1980). *Le marxisme en Amérique Latine de 1909 à nos jours*. Paris: Anthropos.
- MORAES, Denis & VIANA, Francisco (1982). *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes (2ª ed.).
- MORAIS, Fernando. *Olga* (1986). São Paulo: Alfa-Omega (9ª ed. revisada).
- PACHECO, Eliezer (1984). *O Partido Comunista Brasileiro: 1922-1964*. São Paulo: Alfa-Omega.
- PERALVA, Oswaldo (1960). *O retrato*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- PINHEIRO, Paulo Sergio (1991). *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Cia das Letras.
- PORTO, Eurico Bellens (1936). *A insurreição de 27 de novembro: relatório*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- RAVINES, Eudócio (1951). *The Yen-an Way*. New York: Charles Scribner's Son.
- SILVA, Hélio (1969). *1935: a revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (O ciclo de Vargas, vol. 8).
- SOARES, A.C. Otoni (org) (1985). *Os 50 anos da primeira intentona comunista*. São Paulo: A.C.O. Soares. Impresso na Agência O Estado de São Paulo.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1987). *A intentona comunista*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- VIANA, Francisco (1982). Ver MORAES, Denis & VIANA, Francisco.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes (1992). *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Cia. das Letras.

VINHAS, Moisés (1982). *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec.

WAACK, William (1993). *Camaradas: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Cia. das Letras.